

ROCHA, José Ribeiro. *Brincar de ser feliz...* – São Paulo: EI – Edições Inteligentes, 2007, 541 páginas.

Brincar de ser feliz... E lutar pela sanidade.

Andréia Baia

*“O vento é o mesmo;
mas a resposta é diferente em cada folha”.*
Cecília Meireles

O dicionário Aurélio define resiliência como “a propriedade de pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de tal de formação elástica”. Termo emprestado da física, a resiliência é entendida no campo da existência humana como a capacidade de superação diante das dificuldades, de resistir, por maior que seja a pressão. Mas, haverá um nível máximo de resistência? Ou haverá sempre um ponto para além do qual não é mais possível impedir a desintegração?

O livro ‘Brincar de ser feliz...’ retrata os primeiros anos de vida do autor, José Ribeiro Rocha, em um abrigo da Febem, administrado por uma organização religiosa. Além da narrativa auto-biográfica, o livro também introduz o universo paralelo do Mundo de Anahô, um mundo que é misto de sonhos e da rica imaginação de uma criança, cuja forma de escapar a uma realidade atroz e esmagadora é a criação não de um amigo imaginário, mas de toda uma cosmologia: um mundo, com moeda, populações e guerras próprias, e que também está em processo de transformação em livro infantil¹. José Rocha nasceu no Sanatório Juqueri, em Franco da Rocha, interior do Estado de São Paulo, ficou lá até os quatro anos de idade. Como sua mãe havia morrido e não havia contato com o pai ou quaisquer outros membros de sua família, foi encaminhado para a unidade da Febem de

Suzano, aonde permaneceu até os dezenove anos de idade, quando foi adotado por uma família.

Tornando-se jornalista, partiu em busca de seu passado, visitando os locais de internamento, conversando com outros ex-internos e funcionários das instituições por onde passou. A primeira parte de sua história, cuja continuação prevê outras cinco obras², está em ‘Brincar de ser feliz...’, que cobre a infância do garoto ‘Xedé’ do nascimento até os 10 anos de idade.

Uma das cenas mais pungentes do livro “Brincar de ser feliz...” aparece logo nos capítulos iniciais, o autor narra a viagem dele e outros meninos do abrigo onde se encontravam até seus novos destinos. A ação se desenrola em meio a uma tarde tempestuosa de São Paulo. A cada parada da Kombi, uma criança fica; há choro e tristeza. Choro de medo, choro de despedida. Cada criança que vai embora, não volta, desaparece em meio à chuva e à história.

A narrativa a respeito dessa viagem paradoxal: a transferência entre abrigos ocorrendo na efervescência da década de 1970, anos de luta contra a Ditadura, de manifestações nas ruas em prol do retorno de direitos políticos e da liberdade de expressão. Enquanto isso, a Kombi azul a serviço do Estado segue seu caminho, levando em seu interior um grupo de crianças cuja existência passará despercebida.

O fato de se colocarem em marcha ali é apenas uma situação de trânsito interinstituições. Seu destino termina por trás dos muros de um abrigo de menores, onde permanecerão por longos anos. Esquecidas. Invisibilidade marca as suas existências, ou melhor, não marcam, do mesmo modo que são indelévels os traços de aproximadamente 80³ mil crianças brasileiras. A última dessas crianças é José, cujo destino é o abrigo da

Fundação de Bem-estar do Menor - Febem administrado por uma organização religiosa de orientação evangélica.

Dor e sofrimento o aguardam pelos anos de permanência nesta instituição. Serão anos de abuso físico e moral, desamor e abandono, dos quais, talvez, possamos apenas acreditar que somente o poder de resiliência seja capaz de explicar a manutenção da sanidade da criança que, crescendo, tornou-se jornalista e escritor, tornando pública corajosamente uma trajetória a respeito da qual muitos prefeririam calar.

Mais do que uma biografia, o livro de José Ribeiro Rocha, atualmente finalista do 'Prêmio Jabuti 2008' na categoria 'melhor livro reportagem', é um incômodo questionamento acerca dos programas sociais voltados para a assistência de crianças e adolescentes em situação de risco. Não é uma obra de cunho sociológico. O autor não discute sociologia ou grandes teorias acerca da melhor forma de tratar com crianças em situação de abrigo. Conta a sua história, na qual as políticas públicas falharam.

O livro é, assim, um misto de reflexão crítica a respeito dos métodos utilizados no abrigo de menores anteriormente à instituição do Estatuto da Criança e do Adolescente, e é também uma busca do autor por respostas para si, e para seus amigos, um resgate de um passado cheio de silêncios e lacunas, permeado de dores injustificáveis. Acima de tudo, nos parece que 'Brincar de ser feliz...' seria a forma do homem José Rocha para chorar a dor e a ausência na vida do menino que ele foi.

Ao mesmo tempo, o livro é também capaz de produzir hiatos em meio ao sofrimento que narra: momentos em que o leitor se transforma no espectador de uma partida de piões, no qual é impossível deixar de vibrar diante da vitória de uma das

crianças. Nesses instantes, é possível vislumbrar as crianças, e ter esperança. Ainda que ela seja breve e fugidia.

¹ Os capítulos iniciais do livro “Mundo de Anahô” estão disponíveis no site da Editora Recanto das Letras, acessível através do link: < <http://www.recantodasletras.net/juvenil/1048317>>; consultado em 11/09/2008.

² O segundo livro da série recebeu o título de ‘Meninos de Deus’, e alguns de seus capítulos encontram-se disponíveis no site da Editora Recanto das Letras: < <http://recantodasletras.uol.com.br/biografias/1031112>>.

³ Segundo o primeiro senso realizado pelo IPEA, visando quantificar o número de crianças vivendo em abrigos, fixou-se, em 2004 que haveriam 80 mil crianças abrigadas, das quais apenas 10% são, de fato, órfãs, ou se encontram em condições de serem adotadas, com o pátrio poder judicialmente destituído. Estimasse que mais de noventa por cento delas apenas sairá dessas instituições quando atingir a maioridade. Ironicamente, o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê a internação máxima para ‘menores infratores’ como sendo de dois anos, mas não prevê o tempo máximo de abrigamento para crianças e adolescentes que não cometeram infração alguma.